

CAMINHANDO E CONVERSANDO: itinerários literários e turismo literário em KwaZulu-Natal, África do Sul

LINDY STIEBEL¹

Recebido em 31.07.2019

Aprovado em 30.09.2019

Resumo

KwaZulu-Natal é uma província na costa oriental da África do Sul, culturalmente rica, que oferece uma ampla gama de escritores negros e brancos, masculinos e femininos, que escrevem principalmente em inglês e isiZulu, e que estão ligados a esta região através das suas vidas e das suas obras. Entre estes, e para mencionar apenas alguns, encontram-se Alan Paton, Roy Campbell, Lewis Nkosi, Sita Gandhi, Wilbur Smith, Daphne Rooke e Gcina Mhlophe. E qual a melhor maneira de entender um escritor do que conhecer os lugares a que está vinculado? Por exemplo, quem, depois de ler as frases líricas de abertura do famoso livro de Paton, *Cry, the beloved country* (1948) – “Há uma estrada encantadora que vai de Ixopo até às colinas. Estas colinas estão cobertas de erva e ondulam, e são lindas para além de qualquer forma de as cantar” – não quis ver esse cenário / essa paisagem na realidade? Os itinerários literários são uma forma de levar as pessoas a caminhar e falar sobre livros. Oito desses itinerários foram construídos em KwaZulu-Natal pelo projeto de investigação KZN Literary Tourism (www.literarytourism.co.za) e este artigo aborda o fenómeno do itinerário literário como uma parte proeminente do turismo literário, usando esses itinerários como exemplos do que pode ser feito para promover a “caminhada e a conversa” sobre livros. Na “Introdução” a McNulty & Stiebel (2017) encontra-se o enquadramento teórico bem como a ilustração prática do itinerário literário, tal como o entendemos neste trabalho. Esta é também uma maneira de refletir sobre as identidades históricas e contemporâneas num cenário cultural e político sul-africano em transformação.

Palavras-chave: Turismo literário. Rota Literária. Itinerário Literário. KwaZulu-Natal.

Introdução

Este artigo baseia-se em grande medida na “Introdução” ao livro *A Literary Guide to KwaZulu-Natal* (2017), colocando a ênfase nos itinerários literários construídos pelo projeto

¹ University of KwaZulu-Natal, stiebell@ukzn.ac.za

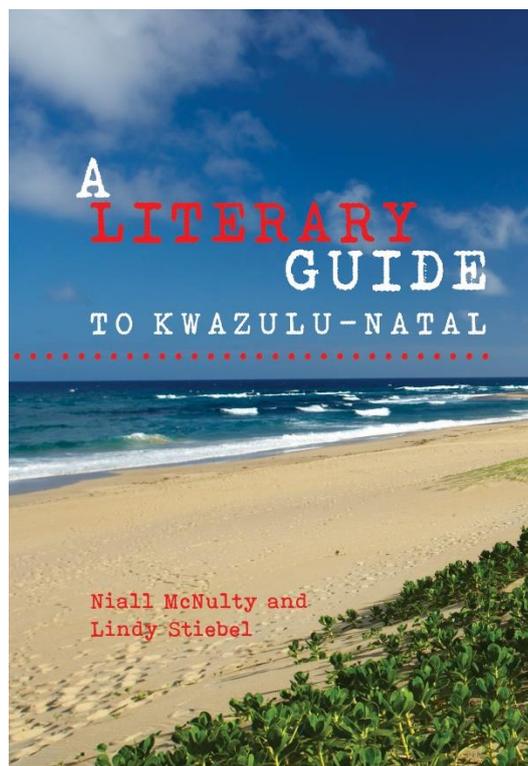
KZN Literary Tourism. O tema “caminhando e falando” é central no turismo literário e, como tal, os itinerários literários transformam-se em mapas que podemos seguir e que nos podem apresentar novos lugares e novos escritores.

Figura 1 – Logótipo do projeto KZN Literary Tourism



A Literary Guide to KZN assinala os 15 anos do projeto KZN Literary Tourism. Sumariamente, podemos definir turismo literário como uma forma de turismo que liga os escritores, os lugares e as obras. Tal pode compreender seguir um percurso desenhado por uma personagem ficcional dentro de uma obra, visitar os cenários de uma história ou procurar os lugares ligados a um escritor, seja o seu local de nascimento, a sua casa, a sua sepultura ou qualquer outro lugar que lhe seja associável. Os turistas literários estão particularmente interessados em saber como os lugares influenciaram a escrita e, ao mesmo tempo, como a escrita criou o lugar. O desenvolvimento do turismo literário constitui uma forma de estimular benefícios económicos e sociais em muitas comunidades ligadas a obras literárias e aos seus autores. É também uma forma de refletir sobre as identidades históricas e contemporâneas num mundo globalizado e de as compreender.

Figura 2 – Capa de *A Literary Guide to KZN*



O turismo literário é um campo relativamente novo na África do Sul. Enquanto na Inglaterra o viajante interessado pode comprar livros sobre o Wessex de Hardy, a Londres de Dickens ou a Stratford-on-Avon de Shakespeare e, até mesmo, fazer passeios guiados por lugares “literários” famosos como o Lake District de Wordsworth, para o fã literário da África do Sul esta oferta é muito escassa. KwaZulu-Natal é uma província na costa oriental da África do Sul, culturalmente rica, que oferece um amplo leque de escritores negros e brancos, masculinos e femininos, que escrevem principalmente em Inglês e isiZulu, e que estão ligados a esta região através das suas vidas e das suas obras. Entre estes, contam-se Alan Paton, Roy Campbell, Lewis Nkosi, Sita Gandhi, Daphne Rooke e Credo Mutwa, por exemplo, todos eles ligados da mesma forma a este lugar. Em KwaZulu-Natal, também existem escritores que escrevem em Afrikaans e em isiXhosa, e, até mesmo, em francês e em oortuguês. Um famoso poeta português associado a KwaZulu-Natal é Fernando Pessoa (1888–1935). O poeta chegou a Durban com sete anos de idade, pois o seu padrasto foi

Cônsul de Portugal em Durban e foi nessa cidade que completou o seu percurso escolar. Existem bustos de Pessoa na baixa de Durban e na Durban High School, onde estudou.

O Turismo Literário tem a ver com visitar os lugares onde os escritores passaram o seu tempo e os lugares sobre os quais escreveram. Por exemplo, quem, depois de ler as frases líricas de abertura do famoso livro de Paton, *Cry, the beloved Country* (1948), não desejou ver o lugar ao vivo?

Há uma estrada encantadora que vai de Ixopo até às colinas. Estas colinas estão cobertas de erva e ondulam, e são lindas para além de qualquer forma de as cantar. Através delas a estrada sobe, sete milhas, até Carisbrooke; e a partir daí, se não houver neblina, contempla-se um dos mais belos vales da África. Em redor há erva e samambaia e pode-se ouvir o choro desamparado da tithoya, um dos pássaros da savana. Abaixo fica o vale do Umzimkulu, na sua viagem entre Drakensberg e o mar; e além e por detrás do rio, sucedem-se grandiosas colinas; e além e por detrás delas, as montanhas de Ingeli e East Griqualand (1948, p. 112, tradução nossa).

Para o turista interessado em literatura, um romance tão vinculado ao lugar como este clama por ter o seu cenário visitado. A visita ao cenário é a forma de o leitor poder entender a intensa identificação de Paton com a terra e com os seus problemas sociais.

O Projeto KZN Literary Tourism (www.literarytourism.co.za)

A possibilidade de existir turismo literário nesta região surgiu há alguns anos, apesar de KwaZulu-Natal não ser conhecida por uma “escrita regional” específica, caracterizada por linhas, cenários ou, até mesmo, uma ideologia comum. Ainda assim, dada a sua variedade cultural, misto de influências africanas, indianas e europeias, o lugar pode prestar-se a destino de turismo literário. Explorar simultaneamente a sua herança literária e o cenário contemporâneo pode ser um meio de estimular o interesse tanto de visitantes como das comunidades locais para algo mais do que “o sol, o mar, a dança Zulu e as reservas de

caça” que normalmente são as atrações representadas nas brochuras turísticas. Seria possível a existência de um turismo literário em KwaZulu-Natal tal como o conhecemos na Inglaterra e noutros países da Europa? A escala pode ser menor, mas a energia seria a mesma: os leitores sul-africanos podem, por exemplo, gostar de seguir Alan Paton em Ixopo, ver onde Bessie Head nasceu em Pietermaritzburg, recriar a velha Zululand através dos contos tradicionais de Credo Mutwa e caminhar através do Casbah da Grey Street, em Durban, onde se situa a saga da família de Aziz Hassim.

Figura 3 – Viagem de grupo em Durban



Foi com esta ideia em mente que o projeto KZN Literary Tourism teve início enquanto projeto de investigação financiado pela National Research Foundation, por um período de cinco anos, 2002-2007. Os esforços de alguns académicos para encorajar o turismo literário nesta região conduziram inevitavelmente ao desenvolvimento de um programa de investigação. Este programa partiu de um propósito triplo, envolvendo, primeiramente, a criação de um arquivo literário dos escritores locais, passados e presentes, em segundo lugar, a gravação em vídeo de entrevistas aos escritores selecionados e das suas obras e, em terceiro lugar, o estabelecimento de itinerários, para habitantes locais e visitantes, que interseccionam os escritores e os lugares sobre os quais escrevem, produzindo um mapa

literário da região. Durante este período, o projeto também apoiou estudantes (atribuindo bolsas), desenvolveu o mapa literário eletrônico de KwaZulu-Natal alojado no *website* da Autoridade do Turismo da Província e organizou *workshops*, nos quais se debateu o que poderia significar o turismo literário na província. Desde então, o projeto continuou a desenvolver itinerários de autores locais, através de parcerias com os municípios e, mais recentemente, com bolsas do National Arts Council.

Um projeto como o KZN Literary Tourism levanta questões complexas: como se pode definir escritor “local”? Como podemos perceber os usos que um escritor faz de um lugar? Quem deve ser contemplado na seleção e porquê? Qual é a interface entre o turista literário e o escritor? Como é que as questões da autenticidade e da mercantilização se colocam no turismo literário? Estas são questões importantes que precisam de uma atenção permanente, que são abordadas noutra trabalho (ver Stiebel 2004) e que também se colocam aqui, no caso da construção dos itinerários literários no âmbito do referido projeto.

O conceito de itinerário literário é recente na África do Sul e, de certo modo, pode ser visto como encorajador de uma espécie de “nova literacia” do mundo pós-colonial em geral e, em particular, de um país em desenvolvimento como é a África do Sul. Como escreveu Mike Robinson neste excerto:

De facto, o turismo literário agora faz parte de uma “nova” literacia. Como turistas, o público tem agora acesso e encontra os escritores e as suas obras através de visitas guiadas, museus literários, centros patrimoniais, festivais, parques temáticos, hotéis com alusões literárias e uma vasta gama de produtos com eles relacionados. Nessas arenas populares do encontro literário, criam-se novos públicos para a escrita criativa, refletindo, sem dúvida, novas formas de contar histórias e uma viragem, não de volta às tradições orais, cujo desaparecimento foi lamentado por Benjamin e Ong, mas para a frente, para uma génese das “tradições” multimédia hiper-sensoriais (2003: 73, tradução nossa).

Itinerários Literários de KZN

O que leva as pessoas a fazer peregrinações, mais especificamente peregrinações literárias, entendidas normalmente como jornadas de homenagem? Nos *Canterbury Tales* (1387), de Chaucer, os peregrinos têm como destino a catedral de Canterbury, o local onde repousa São Tomás Becket, um santo com poderes curativos. Os peregrinos caminham para agradecer pelas graças recebidas, para prestar homenagem a um grande homem que admiram, e pelo gosto de o fazer na companhia de outros que pensam da mesma maneira. Ao seguir o caminho, o peregrino literário está também a prestar homenagem a um autor cuja escrita tem um atrativo particular, que, de alguma forma, “fala” com o leitor, fazendo com que a visita a um lugar conectado a esse escritor seja significativa. Seguir um itinerário é ligar-se ao escritor, vendo os mesmos lugares que ele viu, ou tentando captar um momento do livro.

O itinerário literário pode conectar lugares específicos, como o local de nascimento ou residência do escritor, lugares criados pelo escritor ou ligados à vida do escritor. As casas dos escritores atraem particularmente a atenção dos turistas – os espaços domésticos convidam a uma sensação de intimidade e familiaridade. Parece haver um fascínio particular pelos espaços privados dos escritores – a casa, o escritório, a cama, as roupas. É como se, apreciando as origens literais de um texto – a sala em que foi escrito, a cama em que o autor se deitava, pudéssemos entender o trabalho que ele escreveu mais detalhadamente; como se, visualizando um lugar literário – particularmente um associado às origens de um autor ou obra – nos fosse concedida uma visão do texto aí criado, permitindo-nos entendê-lo mais plenamente do que de outra forma. É importante apresentar esses lugares domésticos da maneira mais autêntica possível, para transmitir “a atmosfera” em que o escritor viveu.

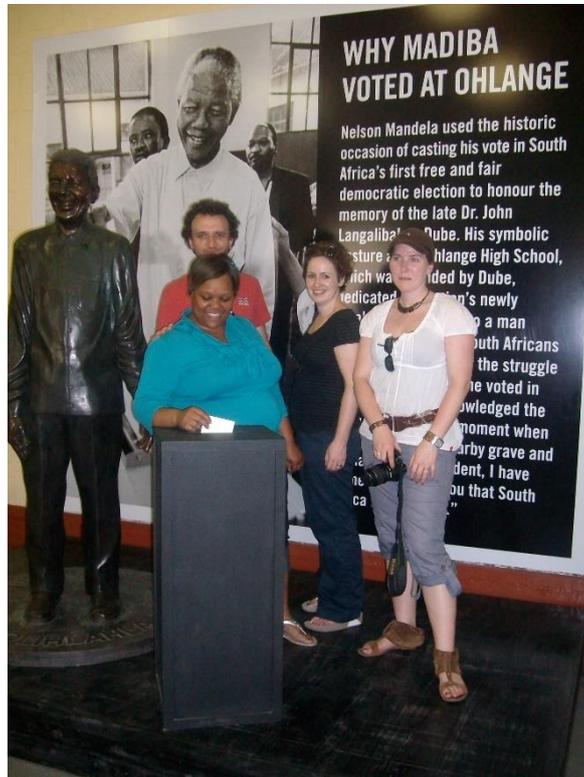
Essa sensação de autenticidade é potencialmente arruinada pelas suspeitas do peregrino literário quando, por exemplo, se apresentam várias casas supostamente concorrentes

“onde X morava”, à semelhança dos múltiplos “perdões” falsos oferecidos pelo Perdoador de Chaucer, ou dos muitos pares de montanhas chamados Seios de Sabá (de *As Minas do Rei Salomão*) existentes em África – seis na última contagem. Para o peregrino literário, há valor na crença de que está perante uma visão que era central para o escritor, cujo livro que segura na mão descreve a mesma cena que observa; de que está a ver a cadeira em que o escritor se sentou enquanto escrevia a sua obra-prima.

Para além dos lugares domésticos, existem áreas geográficas descritas nos livros como “cenário” ou áreas inteiras que são identificadas com um escritor – como o Wordsworth Lake District, ou os pântanos de Yorkshire, das irmãs Brontë, ou a ilha Prince Edward, de L.M. Montgomery. O condado de Yoknapatawa, de William Faulkner, e o Wessex, de Thomas Hardy, têm a complexidade adicional de serem áreas fictícias, mas baseadas em locais conhecidos, Mississippi e Dorset, respetivamente. Nesses casos, os peregrinos e turistas literários têm a dupla tarefa de sobrepor as versões ficcionais, tanto em nome quanto em locais alterados, à paisagem real que visitam. A África do Sul tem os seus exemplos de “mundos” literários ou cenários ampliados, incluindo o distrito Groot Marico, de Herman Charles Bosman, o District Six de Richard Rive, na Cidade do Cabo, a Sophiatown da era dos escritores *Drum* (embora nem o District Six nem Sophiatown tenham sobrevivido à Lei de Áreas de Grupo, da era do *apartheid*) e o Soweto, em Joanesburgo. Em KwaZulu-Natal, exemplos desses “mundos” podem ser a “Zululândia” do folclore africano e de Rider Haggard e a “Rua Cinzenta” da população indiana de Durban, captada por vários escritores. A identificação dessas ligações faz parte do potencial de uma “nova literacia”.

Com esse objetivo em mente – associar escritores e lugares – o KZN Literary Tourism começou a desenvolver itinerários literários nos quais os fãs literários podiam ver os lugares através dos olhos dos escritores. Foram criados oito itinerários literários – um com base em Rider Haggard, um na Pietermaritzburg de Alan Paton e os restantes na Gray Street, em Cato Manor, na área de Inanda, nas costas norte e sul e nas Midlands.

Figura 4 – No itinerário Inanda Writers Trail - Ohlange School, onde Nelson Mandela depositou o seu primeiro voto em eleições democráticas, em 1994



Porquê escolher Paton e Haggard? A razão para optar por fazer percursos de Haggard e Paton foi principalmente o potencial turístico desses dois escritores e os seus vínculos estreitos com determinados lugares de KZN. Paton tornou-se num dos escritores mais conhecidos da África do Sul, após o seu sucesso com *Cry, the beloved Country* (1948), enquanto a popularidade de Rider Haggard como escritor *best-seller* de romances africanos exóticos continua até ao presente – *As Minas do Rei Salomão* (1885) nunca deixou de ser editado. As suas ligações aos campos de batalha anglo-zulus de Isandlwana e Rorke's Drift – que aparecem nos seus romances *The Witch's Head*, *Black Heart* e *White Heart and Finished* – ambos já locais importantes para o turismo cultural baseado no património cultural em KZN, permitem um aumento da possibilidade de efeitos indiretos positivos no turismo. Alguns esforços, embora pouco consistentes, por parte dos operadores turísticos, para tirar partido da ligação entre Paton e Haggard também significam que já existem alguns lugares que podem ser conectados entre si.

O itinerário de Haggard estende-se por toda a província e tem de ser feito de carro. O itinerário de Paton, em Pietermaritzburg, tem a duração de uma manhã ou tarde a pé e de carro entre alguns locais, e tem sido frequentemente realizado por estudantes e grupos que participam em conferências.

Em 2006, o enfoque passou dos escritores individuais para itinerários em áreas comunitárias, nas quais um grupo de escritores menos conhecidos poderia ser apresentado. O itinerário dos Escritores da Grey Street foi o primeiro a incluir e a dar a voz a escritores como Goonam (*Coolie Doctor*), Phyllis Naidoo (*Footprints in Grey Street*), Aziz Hassim (*The Lotus People*) e Imraan Coovadia (*The Wedding*). A área da Gray Street, povoada por comerciantes indianos e pelas respectivas famílias, já tem uma presença turística em termos de vários passeios culturais que se realizam nos mercados e mesquita. Tanto os fãs literários como a generalidade dos turistas culturais abraçaram este novo itinerário com entusiasmo.

O itinerário dos escritores de Cato Manor foi desenvolvido em 2008 e leva os visitantes a templos hindus, hortas, matadouros e vendedores de rua, que compõem esse assentamento urbano profundamente dividido por distúrbios raciais nos anos 50 e 60. Atualmente, os turistas são bem acolhidos por uma comunidade que também está a aprender sobre os seus escritores, como são os casos de Lewis Nkosi (*Mating Birds*) e Ronnie Govender (*At the Edge*). Além disso, ao formarmos guias da comunidade local, foram tomadas medidas muito reais no sentido de implementar uma prática de turismo responsável, que beneficia a comunidade. O itinerário dos Escritores de Cato Manor traça a rica herança cultural e a intensa luta política desta área. A brochura do itinerário fornece breves descrições de momentos históricos importantes, como os motins de 1949 (Race Riots) e de 1959 (Beerhall Riots). A história desta área é desenhada através de obras de escritores famosos vinculados a Cato Manor. Esses escritores incluem Ronnie Govender, Lewis Nkosi, Gladman Ngubo, Kessie Govender, Mi S'dumo Hlatshwayo e Kenneth Bhengu. Este itinerário não tem sido percorrido com muita frequência: o terreno é muito

montanhoso e há alguns problemas de segurança.

O itinerário INK (Inanda, Ntuzuma, Kwa Mashu), o segundo a ser desenvolvido em parceria com o município de eThekweni, apresenta uma herança muito rica e figuras literárias e políticas proeminentes como Mandla Langa, Angelina Sithebe, John Dube, Ellen Kuzwayo, Manilal e Sita Gandhi. O itinerário começa na Biblioteca KwaMashu e destaca a seguir a localidade de Phoenix, onde a família Gandhi morava, o Instituto Ohlange, o Seminário Inanda e a Vila de Shembe como locais a visitar na área. Este itinerário fornece uma breve descrição de cada lugar, associando cada lugar a vários escritores que ali viveram ou trabalharam e que escreveram sobre eles.

Nos anos seguintes, foram desenvolvidos três itinerários com o apoio do Conselho Nacional de Artes: um na área de Midlands, a norte de Pietermaritzburg, uma rota de turismo gastronômico, de artes e artesanato, já conhecida; e percursos nas costas sul e norte de KZN, um destino turístico tradicional.

Como parte de um compromisso com o turismo responsável, o KZN Literary Tourism visa envolver-se com as comunidades no seio das quais os itinerários são construídos. Em todos os casos, foram realizadas tentativas de garantir financiamento para os guias comunitários. Até ao momento, três itinerários têm guias comunitários formados para acompanhar os passeios realizados pelos municípios locais: Cato Manor, INK e Costa Norte. Para se prepararem para cada itinerário, os formandos escolhidos nas respetivas comunidades pelos seus municípios receberam um manual que cobre a história da região, os escritores que lhe estão associados e as obras selecionadas para o itinerário em causa. Como parte da sua formação, estes guias levaram a cabo uma série de projetos práticos: percorreram outros itinerários já desenvolvidos, por exemplo, o itinerário dos Escritores INK; o itinerário dos Escritores de Cato Manor, com uma visita ao Museu Phansi, em Glenwood; e o itinerário dos Escritores da Gray Street, com uma visita aos escritórios da Autoridade de Turismo da Província, em Tourist Junction. Em cada um desses lugares, o grupo reuniu-se com outros guias e funcionários, preencheu guiões e experimentou em primeira-mão ser

um turista literário e um guia em potencial. Espera-se que esse aspecto do projeto de turismo literário venha a ser fortalecido, mas isso dependerá do empenho dos municípios relativamente a estes guias e do vigor com que irão comercializar e manter estes itinerários.

O Website do projeto KZN Literary Tourism

Uma componente importante do projeto KZN Literary Tourism é o *website* (www.literarytourism.co.za). Este começou por ser um projeto colaborativo, o Mapa Literário de KwaZulu-Natal, gerido pelo professor Graham Stewart, a partir da Universidade de Tecnologia de Durban. Este mapa tornou-se num repositório literário do trabalho dos escritores de KwaZulu-Natal (desaparecidos e contemporâneos), acessível *online*. O objetivo do mapa, naquele momento, era fornecer um mapa visual e com *hiperlink* de KZN com cada escritor associado aos lugares da província mostrados no mapa. Assim, clicando na entrada “Alan Paton”, aparecia um mapa da KZN com um ponto situado sobre Ixopo, onde Paton trabalhou como professor. O mapa era acompanhado de uma pequena entrada biográfica para o autor escolhido, além de uma fotografia e uma lista de trabalhos publicados. Ao longo dos anos, o mapa evoluiu e transformou-se no sofisticado *website* atual, com vários separadores: uma página inicial com notícias literárias e resenhas de livros, um banco de dados de autores que agora soma cerca de 180 entradas, documentários selecionados feitos com financiamento da Fundação Nacional para a Investigação (National Research Foundation) nos primeiros anos do projeto, uma secção de itinerários que contém todos os itinerários desenvolvidos pelo projeto e uma secção de investigação com trabalhos relacionados de uma série de colóquios realizada na fase inicial do projeto e financiada pela Fundação Nacional para a Investigação, juntamente com outros trabalhos publicados por membros da equipa. Nos últimos anos, foi adicionada uma secção em alemão – que foi compilada pela Dra. Gisela Feurle, na Alemanha, e da qual constam as obras ligadas à província de KZN que foram traduzidas para o alemão, além de secções com itinerários relevantes. Resumindo, o objetivo principal do *website* do projeto KZN Literary Tourism, nas suas diversas formas, ao longo das últimas duas décadas, foi desenvolver um arquivo de pesquisa *online* de escritores de KwaZulu-Natal, vivos e mortos, de várias línguas e respetivas atividades literárias associadas, seja sob a forma de filmes, de itinerários, de resumos de livros, de entrevistas ou artigos de investigação e *websites*.

Conclusão

Os itinerários literários e o livro que os acompanha, *A Literary Guide to KZN*, não se destinam a ser um compêndio exaustivo de todos os escritores ligados a esta província, nem um guia turístico completo da província de KwaZulu-Natal. O que esperamos é que estimulem o apetite do turista literário por saber mais sobre alguns dos nossos escritores, por ler as suas obras e por explorar um pouco mais ao longo do caminho. O nosso desejo é que o leitor aprenda algo sobre o turismo literário como um nicho de mercado em crescimento, sobre o trabalho de um projeto de investigação de longa duração e, mais particularmente, sobre os lugares de KwaZulu-Natal tal como são vistos pelos olhos dos escritores que aí passaram.

Se conseguirmos despertar no leitor a vontade de ler as obras dos escritores, de visitar lugares porque eles já foram descritos por um autor – de caminhar e falar como sugere o título deste artigo –, então, teremos atingido o nosso objetivo de incentivar o turismo literário em KwaZulu -Natal. Durban foi recentemente eleita uma cidade da literatura da UNESCO, o que deverá certamente estimular o interesse pelo turismo literário nesta parte do mundo.

Referências bibliográficas

Herbert, D. (ed.) (1995). *Heritage, Tourism and Society*. London: Picador.

McNulty, N. & Stiebel, L. (2017). *A Literary Guide to KZN*. Pietermaritzburg: University of KwaZulu-Natal Press.

Paton, A. ([1948] 2002). *Cry, the Beloved Country*. London: Penguin.

Robinson, M. & Andersen, H.C. (Eds.) (2003). *Literature and Tourism: essays in the reading and writing of tourism*. London: Thomson.

Stewart, G. (2003). The design and organisation of an interactive literary map for publication on the World Wide Web. *First KZN Literary Tourism Colloquium*, 8-9 December, kwaMuhle Museum. Unpublished paper.

Stiebel, L. (2004). Hitting the hotspots: literary tourism as a research field with particular reference to KZN, South Africa. *Critical Arts*, 18(2), 31-44.